

RIEHLE, ALEXANDER, ED. (2020). *A COMPANION TO BYZANTINE EPISTOLOGRAPHY*. LEIDEN; BOSTON: BRILL. XII + 531 PP. ISBN 978-90-04-41369-6

RUI CARLOS FONSECA\*

«O que é uma carta?» Esta é a pergunta que serve de mote ao presente volume. Uma carta pode ser definida em função dos seus suportes materiais, da sua função comunicativa e das suas características formais. Consolidando-se por meio de um conjunto de elementos estruturais padronizados, o género da ἐπιστολή («epístola») acabou por alcançar estatuto próprio no final da época clássica. A carta bizantina envolve, porém, formas e funções diversificadas: além de servir como meio prático de comunicação, assume também uma dimensão fictícia. Na verdade, devido ao seu processo de 'literalização', nos séculos IV e III a. C. a carta é adoptada e adaptada por elites cultas, que a usam para fins políticos, filosóficos, pedagógicos, de interesse público e de âmbito privado (pp. 3-4). Ao longo da sua evolução histórica, a epístola bizantina representa, portanto, um género híbrido, que integra diferentes tipos de estilo, adequa registos de língua a cada ocasião e se expande a vários territórios do Império, não se restringindo a Constantinopla. Estas são algumas das problemáticas discutidas na Introdução, *Byzantine Epistolography: a Historical and Historiographical Sketch* (pp. 1-30), a cargo de Riehle. Os 17 estudos reunidos na presente colectânea estão organizados em quatro partes temáticas e incidem, por regra, na epistolografia bizantina datada entre os séculos VII e XV.

A Parte 1, *Contexts for Byzantine Epistolography*, integra os três primeiros capítulos. Bauer (pp. 33-67) começa por definir carta como uma peça de comunicação escrita (p. 33), distingue carta real de epístola literária, salientando a transição de uma para a outra, e traça a história da carta na Antiguidade sob uma perspectiva diacrónica, com exemplos extraídos de obras gregas, latinas e cristãs. Nas tragédias de Eurípides, por exemplo, as cartas são usadas entre elementos da mesma família, ora causando desgraças (Agamémnon sacrifica a filha Ifigénia, Fedra acusa o enteado Hipólito de a ter seduzido), ora proporcionando um reencontro feliz (entre os irmãos Ifigénia e Orestes). Bauer considera também a prolixa discussão teórica, com os seus começos prováveis no período helenístico, sobre as normas que norteiam a forma, o conteúdo, o estilo, a natureza e a função das cartas. Tannous (pp. 68-91) apresenta várias obras, colecções e autores de cartas sírias da Antiguidade tardia e Idade Média. Trata-se de um campo de estudos inexplorado até ao momento, como se lê na conclusão deste capítulo, que aguarda ainda por uma investigação mais atenta e minuciosa, pois os estudos literários em torno deste assunto são ainda inexistentes (p. 84). As comparações com os gregos são frequentes, assim como as temáticas filosóficas e de exegese bíblica

---

\* Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Email: rui.fonseca@staff.uma.pt. O autor não segue o Acordo Ortográfico de 1990. DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem15r1>.

(e.g., a referência à Virgem Maria, Mãe de Deus). Wahlgren-Smith (pp. 92-122) parte do contributo de Giles Constable, que dividiu o género da epistolografia latina medieval em quatro grandes eras: Antiguidade Tardia, Idade Carolíngia, Séculos XI e XII e, por último, Idade Média Tardia e Renascimento. Este estudo aborda extensivamente as colecções de cartas no Ocidente latino datadas dos séculos XI e XII, considerados a grande Idade de Ouro da epistolografia ocidental (pp. 94-110). As épocas seguintes têm um desenvolvimento mais modesto, muito devido ao facto de a epistolografia ter perdido, nessa altura, muito da sua força enquanto um dos maiores géneros literários (pp. 110-112).

Formam a Parte 2, *Byzantine Letter-Writers in Context*, os capítulos 4 e 5, cada um dedicado às cartas de um autor específico, Miguel Pselo (Bernard, pp. 125-145) e Demétrio Cidónio (Leonte, pp. 146-173). Ambos são figuras importantes de Bizâncio e da literatura bizantina, o primeiro tendo vivido no século XI, o segundo, no século XIV. O *corpus* epistolar de Pselo é vasto e heterogéneo, espelha muitos aspectos culturais da sociedade da época, mostra uma rede alargada de relações pessoais e profissionais, ao mesmo tempo que o caracteriza uma grande diversidade de registos e assuntos. As suas cartas não foram reunidas numa colectânea pelo próprio autor, mas antes escritas individualmente, consoante cada situação específica, o que explica as discrepâncias que se podem encontrar nelas, quando lidas como partes de um volume colectivo. Pselo corresponde-se com pessoas de todos os estatutos sociais, desde funcionários, clérigos, aristocratas e até o próprio imperador; muitas das suas cartas são dirigidas a amigos (*philia* epistolar) e servem para expressar as suas opiniões sobre filosofia e demons-

trar o seu engenho retórico. Demétrio é autor de uma das mais extensas colecções de epistolografia bizantina, contando com 450 cartas, escritas ao longo de 40 anos. Este material situa-se na «intersecção entre política e literatura», como é realçado na introdução do quinto capítulo, e espelha muitos dos assuntos e valores das elites dominantes na segunda metade do século XIV bizantino (p. 146). As suas cartas evidenciam propósitos pessoais, políticos e teológicos: Demétrio solicita protecção de figuras influentes; recomenda certas pessoas para desempenharem cargos ou tarefas; faz o elogio do seu destinatário; envia presentes, relatórios, textos para leitura pública; ou pretende simplesmente manter-se em contacto com amigos e conhecidos (p. 150). Tanto para Pselo como para Demétrio, a carta constitui um instrumento vital para criar e manter relações sociais.

A Parte 3, sob o título *Forms and Functions of Byzantine Epistolography*, constitui o núcleo deste volume, onde se situam os capítulos 6 a 15. O objectivo desta longa secção temática, conforme anunciado por Riehle, «is to provide a kaleidoscopic view of the great variety of different forms Byzantine letters could take on and purposes they could serve» (p. 21). Assim, desenvolve-se aqui uma abordagem comparativa e multidisciplinar, que envolve inter-relações com diversas áreas da realidade social bizantina: a Retórica (Kotzabassi, pp. 177-199), a Diplomacia (Beihammer, pp. 200-226), a Didáctica (Leonte, pp. 227-254) e a Filosofia (Manolova, pp. 255-278). O discurso epistolar tem uma longa tradição na literatura grega, que continua durante o período bizantino. A carta antiga possui uma componente retórica muito forte, visto que os exemplares que sobreviveram não se encontram redigidos dum modo espontâneo, antes num estilo elaborado,

que procura aliar o discurso oral e as regras formais da retórica (p. 177), a ponto de a linguagem e o estilo utilizados originarem amiúde comentários críticos, da admiração à censura, entre os epistológrafos bizantinos. Muitas vezes, as classificações modernas nem sempre servem para delimitar com eficácia as fronteiras entre os géneros antigos. Nesse sentido, a carta bizantina não se distingue facilmente de outros documentos legislativos, oficiais e de cartulários, como é o caso das cartas diplomáticas escritas por imperadores a governantes estrangeiros ou a membros de dinastias estrangeiras, com maior ou menor grau de formalidade. Este tipo de missivas, repletas de fórmulas lisonjeiras e declarações ideológicas de concórdia e mútuo entendimento entre Estados, permite concluir que os negócios diplomáticos imperiais se baseavam em larga medida em interações pessoais, confidências e comunicação oral (p. 204). As cartas servem igualmente para transmitir instruções, pelo que se contam entre os meios de escrita didáctica bizantina, ainda que não entre os mais conhecidos ou utilizados. Apesar disso, estreitam as relações entre professores e alunos, e levam conselhos, do foro privado ou público, a pessoas que se encontram geograficamente distantes do remetente. Leonte analisa três categorias temáticas — cartas de conteúdo didáctico espiritual, técnico e político-moral —, reconhecendo, porém, não se tratar de grupos estanques, podendo haver sobreposições. Tanto a epistolografia didáctica como a epistolografia filosófica do período bizantino são áreas pouco estudadas hoje em dia. A pouca atenção que se tem prestado aos ensaios filosóficos em forma epistolar prende-se antes de mais com os problemas em definir-se Filosofia com base no contexto intelectual, cultural e social de Bizâncio. Cartas

em que se desenvolve o tópico literário da amizade favorecem discussões alargadas de doutrinas filosóficas, como é o caso da correspondência de Nicéforo Grégoras, analisada por Manolova.

A amizade é precisamente o tema em discussão no capítulo 10 (pp. 279-306) a propósito da cultura epistolar. A amizade autoriza e assegura muita da produção epistolográfica bizantina, na medida em que uma das funções principais da carta é a importância que tem para amigos que se acham separados pela distância. Por isso, escrever para os amigos representa uma luta contra a ausência e a falta de comunicação presencial. Bourbouhakis procura clarificar as razões que levaram a que amizade e escrita epistolar se tenham tornado tão estreitamente ligadas em Bizâncio. Por outro lado, Bernard (pp. 307-332) debruça-se sobre as questões práticas da comunicação: a carta como meio pelo qual um remetente transmite uma mensagem a um receptor. Mas a comunicação epistolar, a troca de correspondência, envolve muitos outros factores além da componente escrita; o portador da mensagem, os rituais performativos (gestos e outros sinais não verbais), o contexto social, as normas éticas e comportamentais desempenham um papel de não menor importância. Bernard serve-se da expressão «intimidade pública» cunhada por Margaret Mullett, para sublinhar a tensão inerente às cartas bizantinas: pertencem ao foro íntimo, à relação privada de duas pessoas, ao mesmo tempo que são destinadas a leitura pública, por exemplo, nos *theatra*, os salões literários frequentados pela classe de eruditos de Bizâncio (p. 319). No capítulo 12, Papaioannou (pp. 333-352) parte justamente da premissa de que o género da epístola bizantina, na sua longa tradição retórica e literária, pertence à elite instruída

e culta da sociedade. O seu estudo desenvolve-se em torno do «eu» epistolográfico; declara-se que «Self-centeredness was indeed a seminal feature of letter-writing», embora se reconheça que a epistolografia bizantina não era um género centrado exclusivamente no «eu» (p. 335). Neste capítulo 12, o campo de análise para esta questão estende-se a tipos de subjectividade encontrados na epistolografia bíblica e literária, tocando ainda tipos de emoção que produzem o efeito autobiográfico pretendido na escrita epistolar entre os Bizantinos.

Os capítulos 13 a 15 desta terceira parte do volume abordam a prática epistolar a partir de diferentes cenários e usos bizantinos: nos *theatra* (Gaul, pp. 353-373), na arte (Hilsdale, pp. 374-402) e na literatura (Cupane, pp. 403-427). Os salões literários em Bizâncio proporcionavam a realização de recitais ou de competições teatrais e performativas perante uma audiência, que podia ser formada tanto por grupos de amigos como pelo próprio imperador. A carta era uma das composições retóricas frequentes em tais ambientes. Gaul traça sumariamente a história destes *theatra*, destacando primeiro as suas características retóricas e depois a dimensão performativa e as relações de patronato. Nestes círculos literários, conclui Gaul (p. 368), «the letter was expected to transmit — in addition to gifts and the intellectual joy of solving rhetorical puzzles — the absent author's voice, character, and soul, with Byzantine epistolographers purposely blurring the line between the author's and the reader's voice, depending on the specific context». Além dos salões com os seus recitais, também as representações visuais que formam a arte bizantina ajudam a avaliar o papel e a importância das cartas em Bizâncio. Hilsdale começa por se referir a um dos painéis da Catedral de Santa Sofia

em Constantinopla, e analisa depois outras representações pictóricas de cartas, em particular os momentos da entrega de cartas, contidas em três manuscritos: uma obra historiográfica (*Synopsis historiarum* de João Escilitzes), um romance (*O Romance de Alexandre*) e um texto de poesia em vernáculo (*Epitalâmio* Vaticano). Os exemplares seleccionados, únicos em cada género, mostram a «força metonímica da carta» na representação pictórica bizantina, pois a carta, entendida enquanto extensão da pessoa que escreve, substitui literalmente a figura do remetente (p. 399). As cartas figuram também em narrativas de ficção; empregando a primeira pessoa e o tempo presente, criam a aparência de autenticidade e de testemunho directo das experiências vividas nelas relatadas (p. 403). Assim, partindo da tradição da Antiguidade Clássica, Cupane percorre exemplos de cartas que podem ser lidas em obras da historiografia bizantina, bem como n' *O Romance de Alexandre*, nos romances eruditos do período comneno, na epopeia-romance *Digenis Acritas* e nos romances em vernáculo do período paleólogo, destacando a pluralidade de funções desempenhadas pela epístola nestes textos de ficção literária.

A Parte 4 intitula-se *Byzantine Epistolography and (Post-)Modern Theory* e nela estão reunidos os últimos capítulos da presente colectânea. Preiser-Kapeller (pp. 431-465) estuda a epistolografia bizantina sob a perspectiva da análise em rede («Network Analysis»), recorrendo a uma base de dados quantitativos para mapear as relações existentes numa colecção de cartas bizantinas, em diálogo muito próximo com o estudo pioneiro de Margaret Mullett, que apresenta uma orientação mais qualitativa. Localidades, cartas, indivíduos, amigos e inimigos são alguns dos

parâmetros considerados nesta abordagem, cujos dados podem ser consultados em várias tabelas e gráficos ao longo do capítulo. Preiser-Kapeller acaba por sublinhar o contributo desta abordagem relacional, que permite reconstruir a inserção de um autor no mundo social do seu tempo, bem como o uso e a influência da sua rede de relações. Riehle (pp. 466-501) encerra o volume com um ensaio dedicado à Nova Filologia, entendida primeiro em termos gerais e teóricos, depois aplicada aos estudos bizantinos e, por fim, ao campo mais específico da epistolografia bizantina. Neste último caso, Riehle problematiza os possíveis contributos da Nova Filologia para o trabalho de edição e interpretação textuais. O volume encerra com índices bastante úteis para a consulta do material aqui reunido: após a bibliografia geral, que complementa a bibliografia de cada capítulo individual (pp. 503-511), são apresentados um índice geral (pp. 512-526), um índice de termos gregos (pp. 527-529), o índice de manuscritos (p. 530) e o índice de papiros (p. 531).

Escreve Leonte, no capítulo 8, que a epistolografia bizantina constitui um género proteico, que abrange textos de vários tópicos e dimensões, desde notas muito breves a composições extensas (p. 249). A presente colectânea de ensaios ilustra precisamente a heterogeneidade do género epistolar entre os Bizantinos, bem como esse seu carácter proteico. Os especialistas aqui reunidos, muito longe de esgotarem o âmbito do assunto que desenvolvem, sublinham a necessidade de um maior investimento nestas matérias e abrem caminho para investigações futuras. Nessa medida, este volume não abrange todos os aspectos relativos à prática da escrita epistolar bizantina, nem persegue esse objectivo, como vem anunciado na Introdução onde também se lê que se procurou apresentar um guia ecléctico, que pudesse orientar, suscitar questões e inspirar (p. 21). Esta publicação tem, portanto, o mérito de explorar uma área pouco estudada da literatura bizantina, mas, como fica aqui demonstrado, com potencialidades muito sólidas de investigação.

MATOS, VIOLANTE SARAMAGO (2022). *DE MEMÓRIAS NOS FAZEMOS*. LISBOA: EDIÇÕES ESGOTADAS. 132 PP. ISBN 978-989-9092-25-9

JOAQUIM PINHEIRO\*

Em tom confessional e íntimo, este livro estabelece um diálogo, sobretudo interior, entre filha e pai. Percorrer os 46 pequenos textos, divididos em duas partes (*De memórias nos fazemos* e *E de livros também*), a que se junta, no final, uma pequena parte

intitulada *Empurrões*, é para o leitor um exercício fascinante, pois quase nos sentimos à mesa a participar numa conversa entre filha e pai, com os livros permeio. Para me dedicar sobretudo à primeira parte, realço que na segunda parte (*E de*

\* Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0002-5425-9865>.

DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem15r2>.